



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE- ( UERN)  
CAMPUS AVANÇADO DE PAU DOS FERROS-( CAPF)  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS-( DLE)  
CURSO DE LETRAS LÍNGUA INGLESA E RESPECTIVAS LITERATURAS

TEREZA DE JESUS SOUZA FERREIRA

**RELAÇÕES DIALÓGICAS SOBRE EDUCAÇÃO EM DISCURSO DA ATIVISTA  
PAQUISTANESA MALALA YOUSAFZAI EM CONFERÊNCIA GERAL DAS  
ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS**

PAU DOS FERROS

2023

TEREZA DE JESUS SOUZA FERREIRA

**RELAÇÕES DIALÓGICAS SOBRE EDUCAÇÃO EM DISCURSO DA ATIVISTA  
PAQUISTANESA MALALA YOUSAFZAI EM CONFERÊNCIA GERAL DAS  
ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Inglesa e Respectivas Literaturas.

**Orientador:** Prof. Dr. José Cezinaldo Rocha Bessa.

PAU DOS FERROS

2023

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catalogação da Publicação na Fonte.  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S729r Souza Ferreira, Tereza de Jesus  
RELAÇÕES DIALÓGICAS SOBRE EDUCAÇÃO EM DISCURSO DA ATIVISTA PAQUISTANESA MALALA YOUSAFZAI EM CONFERÊNCIA GERAL DAS ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS. / Tereza de Jesus Souza Ferreira. - Pau dos Ferros, 2023.  
44p.

Orientador(a): Prof. Dr. José Cezinaldo Rocha Bessa.  
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas)).  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Letras (Habilitação em Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas). 2. Ativista. Educação. Relações dialógicas. Malala Yousafzai.. I. Rocha Bessa, José Cezinaldo. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

**TEREZA DE JESUS SOUZA FERREIRA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) ao Curso de Letras – Língua Inglesa do Campus Avançado de Pau dos Ferros - CAPF como um dos requisitos para obtenção do título de licenciada em Letras – Língua Inglesa.

Aprovada em: 05/abril/ 2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. José Cezinaldo Rocha Bessa-  
Orientador e presidente- (UERN)

---

Profa. Ma. Nara Karolina de Oliveira Silva-  
(UERN) Examinador interno

---

Prof. Ma. Francisco Marcos de Oliveira Luz-  
Examinador externo- (UERN)

PAU DOS FERROS/RN

2023

### **A quem dedico**

À minha avó Maria do Céu ( *in memoriam*), que me amou sem restrições.

À minha mãe Barnabé, grande inspiração de vida e para a escolha da profissão.

À minha tia Ildete, por ter me apoiado nos estudos.

E a vocês que apesar das dificuldades, resistem através de suas pesquisas e crêem no poder da educação.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e do discernimento.

À minha mãe Barnabé, que mesmo distante, acredita tanto em mim e nos meus estudos. Essa conquista é nossa: por você e para você.

Ao meu irmão Vinícius Souza, que mesmo distante, acredita em mim e nos meus sonhos e sempre está na torcida.

À minha avó Maria do Céu (*in memoriam*), pois nossas lembranças felizes e a esperança do reencontro me dão ânimo para prosseguir.

Às minhas tias Ildete, Madalena, Irma, Veronica Sandra, Maria Thereza, Elaine Cristina e Jacinta de Fátima, que estão sempre por perto torcendo por mim, e me apoiando nas minhas escolhas, e torcendo pela realização dos meus sonhos.

Ao meu orientador Cezinaldo, por ter acreditado em mim e no meu trabalho, e por todas as oportunidades que me concedeu, e por todos os ensinamentos que me proporcionou.

À querida Rafaela Galdino, por ter vindo aqui em casa e me ajudado com dicas de coesão e coerência na realização deste trabalho, e pelo apoio.

À professora Maria Zenaide, pelas orientações realizadas durante o projeto de pesquisa e por ter acreditado no meu trabalho com aulas instigadoras, e ainda pelo carinho que sempre teve comigo ao longo dessa jornada.

Ao amigo Vinícius Vieira, por ter me ajudado ao longo das correções do projeto de pesquisa.

À minha amiga Silvane Matias, por ser luz em meu caminho. Obrigada por me acalmar nos momentos em que tudo parecia não ter mais sentido.

Ao amigo Carlos Eduardo, pela presteza e disponibilidade de sempre, no atendimento aos meus pedidos da correção do abstract. Pelos diálogos, trocas de experiência e amizade ao longo da faculdade.

Aos meus colegas da faculdade, com os quais aprendi a viver em uma universidade mais humana, em especial, aos meus amigos, Igor Freitas, Maílson de Souza e Bruno Peixoto, pelos diálogos, pelas dúvidas, angústias e pelo carinho compartilhado diariamente durante esses quatro anos da academia.

Às minhas colegas da faculdade, em especial, as amigas com as quais aprendi a viver em uma universidade mais tranquila e amorosa, Valcimara Morais, Ana Gabriela e Elenice Pinheiro, pelo carinho, atenção e pelo apoio desde o começo dessa jornada acadêmica. Mas sobretudo, por terem acreditado em mim.

Às minhas amigas, Clara Milena e Lituana Antonia, pelas parcerias e consideração pelos momentos de conversa e aprendizado compartilhados.

Ao amigo Antônio José, pela leitura final da minha monografia e contribuições a ela apresentadas.

Ao amigo Orlando Silva, pelas indicações de leituras e contribuições a monografia expostas.

À professora Nara Karolina e ao professor Marcos Luz, por participarem da banca, pelas leituras e contribuições realizadas no trabalho monográfico.

Somos povoados pelo outro, e nossas relações com o outro faz de nós e deles os elementos  
constituintes da sociedade.

(SOBRAL, 2009, p. 48)



## RESUMO

Este trabalho objetiva compreender as relações dialógicas (de sentido), que constituem o discurso político sobre a educação da ativista Malala Yousafzai e como específicos: i) identificar as relações dialógicas perpassadas no discurso da ativista. ii) Analisar o embate das vozes sociais presente no discurso de Malala Yousafzai e iii) Caracterizar os posicionamentos político-ideológicos assumidos pela ativista na defesa da educação. Assumindo um olhar interpretativo e uma abordagem qualitativa, o discurso militante, disponível no canal *YouTube* “Professor Hélio Dias”, canal este destinado a alunos que realizam os vestibulares. O aporte teórico que nos dá respaldo para as ideias aqui defendidas, se baseia nos estudos de pensadores e comentaristas do Círculo de Bakhtin e trabalhos de estudiosos, tais como Fiorin (2008), Brait (2004), Volóchinov (2019), as disssões presentes nesses estudos nos permitem pensar que o discurso ativista está perpassado do dialogismo. A análise mostra que as relações dialógicas são expressivas no discurso político, bem como, uma caracterização das posições políticas e posicionamentos ideológicos assumidos por Malala Yousafzai, guiam a produção do discurso e constrói a imagem ideológica da militante.

**Palavras-chave:** Ativista. Educação. Relações dialógicas. Malala Yousafzai.

## ABSTRACT

This work aims to understand the dialogical relationships (of meaning), which constitute the political discourse on the education of the activist Malala Yousafzai and as specific: i) identify the dialogical relationships permeated in the activist's discourse. ii) Analyze the clash of social voices present in Malala Yousafzai's speech and iii) Characterize the political-ideological positions assumed by the activist in defense of education. Taking on an interpretative look and a qualitative approach, this work has focus on a militant speech, available on the *YouTube* channel “Professor Hélio Dias”, which is aimed at students who take entrance exams. The theoretical foundations that supports our ideas here, is based on studies by thinkers and commentators of the Bakhtin Circle and works by scholars, such as, Fiorin (2008), Brait (2004), Volóchinov (2019), who address the dialogism in an activist point of view. The analysis shows that dialogical relationships are expressive in political speech, as well as a characterization of political positions and ideological positionings assumed by Malala Yousafzai, guide the speech's output and builds the militant's ideological image.

**Keywords:** Activist. Education. Dialogical relationships. Malala Yousafzai.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura (1)-</b> Imagem de Malala Yousafzai .....	32
---	----

## LISTA DE QUADROS

<b>Excerto (1)</b> .....	33
<b>Excerto (2)</b> .....	34
<b>Excerto (3)</b> .....	35
<b>Excerto (4)</b> .....	36
<b>Excerto (5)</b> .....	36
<b>Excerto (6)</b> .....	37

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

ADD – Análise Dialógica do Discurso

CAPF – *Campus* Avançado de Pau dos Ferros

PPD – Problemas da Poética de Dostoiévski

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 DISCUSSÃO TEÓRICA DA PESQUISA.....</b>	<b>16</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....</b>	<b>27</b>
<b>4 ANÁLISE DISCURSIVA .....</b>	<b>29</b>
4.1 Um pouco sobre a biografia de Malala Yousafzai .....	30
4.2 O discurso de Malala em seu contexto.....	32
4.3 O discurso de Malala: Um olhar discursivo .....	33
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva compreender as relações dialógicas (de sentido), que constituem o discurso político sobre a educação da ativista Malala Yousafzai, uma jovem paquistanesa vítima de um atentado cometido pelo grupo extremista do Talibã, por defender o direito de garotas de frequentarem a escola.

O discurso de Malala ocorreu em 12 de julho de 2013, em alusão à celebração do aniversário de dezesseis anos da jovem ativista, durante uma conferência promovida pela Organização Das Nações Unidas (ONU), momento em que a sua voz passou a ser reconhecida mundialmente.

Segundo Paden (2001), a escolha do nosso objeto de estudo já é o início da interpretação. Assim, falar sobre educação tem se revelado um passeio pela nossa formação pessoal. Afinal, foi pela educação que aprendemos a socializar as nossas ideias e inquietações e, ainda, a valorizar a nossa formação acadêmica. É o discurso militante o responsável pela nossa constituição como ser pensante e ideológico.

O acontecimento de Malala Yousafzai foi um marco histórico na sociedade moderna e trouxe visibilidade para outros casos de vários países que remetem a uma cultura machista e misógina. Com a ocorrência desse fato, a mídia passou a ter olhos para a garota que, embora tenha apenas 25 anos de idade, desafiou o grupo extremista do Talibã e sofreu um atentado terrorista pelo simples episódio de realizar uma reclamação do seu direito de acesso à educação. Sua sobrevivência lhe ocasionou a chance de permanecer na luta e tornar-se uma figura significativa na luta pelos direitos e garantias femininas.

O interesse pelo estudo desse objeto, compreendeu o nosso engajamento com leituras sobre o dialogismo na perspectiva de Bakhtin, dentro da disciplina de Filosofia da Linguagem, durante o último período do curso de Letras Língua Inglesa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) do *Campus* Avançado de Pau Dos Ferros (CAPF). É importante ressaltar que essas leituras ocorreram em encontros promovidos pelo grupo de estudos de Bakhtin, do qual fazemos parte.

No tocante à pesquisa em si, entendemos ainda serem poucos os estudos que envolvem o dialogismo constitutivo sob a perspectiva de discursos ativistas. Esse acontecimento nos conduz para o foco central da pesquisa, levando-se em consideração a necessidade de amplificar essa pesquisa. É fato que alguns trabalhos realizados se preocupam em estudar as relações dialógicas de cunho político, a exemplo de Teixeira (2021) e Branco (2012), que em suas pesquisas mostram

relevância e resultados em suas concepções. A pertinência desse trabalho em relação a esse estudo se dá pelo fato do valor que ele agregará à sociedade e à academia, pois o dialogismo está constituído no discurso político de Malala Yousafzai e contribui para o entendimento das relações de poder, especialmente no contexto em que o discurso foi proferido.

Este estudo pode ainda contribuir quanto á relevância social do trabalho, uma vez que consideramos o discurso político muito presente na vida das pessoas, não só nos estudos, mas em atividades interdisciplinares. Ao escolhemos o discurso político da ativista Malala Yousafzai, pensamos não só na atualidade discursiva, mas também na riqueza dessas falas.

Ademais, os estudos da teoria dialógica nos dizem que a palavra não é isenta, ou seja, as palavras não são imparciais e a própria palavra já possui uma ideologia que é permeada pelas relações sociais e acaba se constituindo de uma posição ideológica que perpassa por um posicionamento ideológico.

Entende-se, assim, não ser possível a esse mesmo locutor expressar-se de maneira neutra, por justamente a sua posição ideológica ser orientada pelo uso da palavra. A busca pela compreensão desses pressupostos nos leva à concepção de que as relações dialógicas são constituídas pelas palavras, que por assim serem, vão ao encontro do nosso interesse em estudarmos sobre a referida temática.

Tomando o discurso supracitado como objeto de investigação, este estudo intenta em buscar responder às seguintes questões:

1. Quais relações dialógicas constituem o discurso de Malala Yousafzai?
2. Como o embate das vozes sociais são presentes no discurso de Malala Yousafzai?
3. Quais posicionamentos políticos ideológicos são assumidos pela ativista na defesa da educação?

Este estudo objetiva compreender as relações dialógicas, que constituem o discurso político da ativista Malala sobre a educação. Para isso, foram delineados os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar as relações dialógicas perpassadas no discurso da ativista;
- b) Analisar o embate das vozes sociais presente no discurso de Malala Yousafzai;
- c) Caracterizar os posicionamentos político-ideológicos assumidos pela ativista na defesa da educação.

O domínio de Malala Yousafzai sobre a arte da escrita faz com que seus discursos de cunho ativista apresentem textos bem estruturados em diálogo com fundamentos filosóficos de grande



relevância na história, como o marxismo, por exemplo. Compreendemos que mesmo um discurso tão respeitável, como o político, sofre influências de vários outros com os quais partilha e contrapõe ideologias e faz uso para realizar um estabelecimento de sentido do seu discurso.

Com isso, esta pesquisa pretende elucidar a importância de compreender o trabalho de linguagem realizado neste discurso, pois entendemos que Malala Yousafzai na tentativa de reafirmar suas posições políticas e seus posicionamentos ideológicos não a faz pela simples repetição de um discurso tradicionalista, mas usa o diálogo e o embate das vozes sociais com outros discursos marcantes na sociedade. Nesse cenário, o pensamento que norteia esta pesquisa se alinha aos estudos ancorados na Análise Dialógica do Discurso, dialogando com constituições bakhtinianas sobre enunciado, sujeito, ideologia, dialogismo, diálogo e voz social.

Considerando o exposto até aqui, ressaltamos quanto a estrutura de nosso estudo, a qual está organizada em 5 (cinco) seções. A primeira seção, esta introdutória, apresentamos ao nosso leitor aspectos como: a temática central; a problemática; as motivações e os objetivos que nortearam o delineamento deste estudo. A segunda seção, é apresentado o aporte teórico que possui como fundamentações em ideias de pensadores e de comentadores do Círculo de Bakhtin como foco teórico central sobre Análise Dialógica do Discurso: ancoragens e constituições, dialogismo, diálogo e voz social e enunciado. O capítulo metodológico está organizado em três seções, o primeiro momento, com foco na elaboração de um parágrafo apresentando o capítulo ao leitor, o segundo momento, ocorre uma explicação sobre a natureza da pesquisa, a constituição do *corpus* e o terceiro momento, os procedimentos de análise.

Na sequência, temos a análise precisamente dita, que iniciamos um parágrafo anunciamos uma retomada aos objetivos da pesquisa, em seguida, descrevemos *um pouco sobre a biografia de Malala Yousafzai*, depois, analisamos *o discurso de Malala e seu contexto*, focalizando em um primeiro momento, elencamos sobre a contextualização do discurso ativista e discurso militante e ainda, descrevemos um pouco acerca da imagem ideológica da ativista paquistanesa, a seguir temos, um terceiro tópico da referida análise, *O discurso de Malala: Um olhar discursivo*, nessa etapa começaremos a analisar o dialogismo elucidado ao discurso resposta e, em um segundo momento, analisamos os enunciados presentes no discurso de Malala quando ela defende a educação e caracterizamos sobre os posicionamentos políticos e ideológicos que são assumidos por Malala quando ela defende a educação.

E, por fim, a quinta seção, temos as conclusões, retomamos os objetivos da pesquisa, sintetizamos os resultados na análise e construímos algumas compreensões sobre eles, pontuamos as implicações dos estudos e desdobramentos futuros de pesquisa.

## **2 DISCUSSÃO TEÓRICA DA PESQUISA**

Os pressupostos teóricos que dão suporte ao presente trabalho estão organizados em seccionamento a partir de quatro itens: i) análise dialógica do discurso: ancoragens e constituições; ii) enunciado, iii) sujeito, iv) dialogismo; v) ideologia vi) diálogo e voz social.

A Análise Dialógica do Discurso (ADD) centrada na perspectiva bakhtiniana de linguagem e discurso, têm-se originado e construída no Brasil nas últimas duas décadas a partir das contribuições teóricas do pensador Mikhail Bakhtin e do já consagrado Círculo de Bakhtin (BRAIT, 2009).

O surgimento dos primeiros possíveis estudos em Análise Dialógica do Discurso (ADD) se deu a partir do início dos anos 2000, em especial, em resposta a um texto de Carlos Alberto Faraco em *Introdução às ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*, obra de 2003, em que o autor evidencia os aspectos voltados à possibilidade de uma abordagem dialógica para o campo de estudos discursivos. No entanto, uma indicação explícita do termo se apresenta no livro *Bakhtin: outros conceitos-chave*, obra de 2006, organizado por Beth Brait.

Nesse entendimento de enfrentamento da produção de sentidos, a linguagem não pode ser tomada como um objeto de estudo puramente linguístico. É preciso, conforme o Círculo de Bakhtin, considerar sua natureza viva, responsiva, axiológica. Dessa forma, o nosso foco de atenção se volta não para o plano das relações lógicas, mas para o plano das relações dialógicas, concebidas como relações de sentidos, que se manifestam no nível do discurso (BAKHTIN, 2015). Segundo essa direção, a unidade de análise vai, além de tudo, se ocupar em investigar os sentidos de textos concretos, orais e escritos, produzidos nas diversas esferas e campos de atividade humana, analisando-os a partir das relações dialógicas desses discursos com outros discursos e da relação do discurso com as diversas instâncias da interação entre indivíduos sócio-históricos.

Conforme Bakhtin (2015, 2016), a unidade de análise é o enunciado, uma vez que as trocas interativas entre os sujeitos se dão, na verdade, na forma de enunciados concretos, entendidos como unidades da comunicação discursiva. Em outras palavras, desde quando nascem e entram em relação com o mundo, as pessoas falam ou escrevem enunciados e se inserem, portanto, como um

elo da cadeia ininterrupta de outros enunciados já-ditos e antecipados. Isso acontece porque a natureza complexa e multifacetada que caracteriza o funcionamento da linguagem pressupõe dizeres que se conectam com outros dizeres, num movimento em que cada troca comunicativa se realiza entrelaçada de palavras de outrem e povoada de acentos de outrem (BAKHTIN, 2016).

Em “*O discurso em Dostoiévski*”, em especial, no quinto capítulo de Problemas Da Poética De Dostoiévski (2013), M. Bakhtin adverte, logo no começo, que sua análise da obra de Dostoiévski não seria linguística no sentido tradicional do termo, mas metalinguística – ou translinguística, conforme foi utilizado por Todorov (1981). O estudo é considerado a obra como a linguagem viva, concreta, que ocorre na comunicação dialógica, em enunciados, assumidos por sujeitos, que revelam suas posições axiológicas.

Em relação ao estudo do diálogo entre os discursos, o que produzimos é um tecido de vozes, de muitas vozes que às vezes nem sempre se relacionam de maneira harmônica entre si, De modo que, podemos concluir que o sujeito é dialógico por natureza e o seu discurso é polifônico.

Como afirma Bakhtin (2011, 1979), nenhuma palavra é enunciada do nada. Todo enunciado é uma resposta a alguém, é um movimento de discordância, de concordância, de convergência ou divergência em relação às outras vozes. Embora que a ADD surja como resposta brasileira, como proposta que responde às outras Análises de Discurso e nasce a partir da perspectiva dialógica da linguagem, é inegável que as teorizações do Círculo fornecem a base epistemológica para diversos percursos possíveis de estudo dos fenômenos linguísticos e ancoram, por conseguinte, discussões importantes envolvendo o ensino de línguas e estudos de gêneros de discurso nas mais diversas esferas da atividade.

Disso decorre que, ao surgir como resposta brasileira, a ADD como proposta que responde às outras Análises de Discurso, nasce ancorada com a perspectiva dialógica da linguagem. É indiscutível, pois, que as teorizações do Círculo de Bakhtin fornecem a base epistemológica para vários caminhos possíveis de estudo dos fenômenos linguísticos.

Para Brait (2006), a ADD deve aproveitar os aspectos que compõem a materialidade linguística, internos no discurso, assim como considerar, dado o caráter dialógico da linguagem, os fatores extralinguísticos que caracterizam a enunciação.

O enfrentamento bakhtiniano da linguagem leva em conta, portanto, as particularidades discursivas que apontam para contextos mais amplos, para um extralinguístico aí incluído o trabalho metodológico, analítico e interpretativo com textos/discursos se dá [...] herdando da Linguística a possibilidade de esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macroorganizações sintáticas, reconhecer,

recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indiciam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados (BRAIT, 2006, p. 13).

Conforme notamos na fala de Brait (2006), ela explora o entendimento de que qualquer discurso é constituído por inúmeras vozes, pontos de vista e argumentos que, ao mesmo tempo, interagem e se chocam em um processo contínuo de construção e reconstrução de significações. Isso é denominado como heterogeneidade constitutiva. Nenhuma fala é homogênea; em vez disso, é composta de uma variedade de componentes que interagem de maneira complexa. A heterogeneidade constitutiva também está presente nos sujeitos do discurso, já que eles são construções sociais que estão em constante mudança e são influenciadas por uma variedade de fatores culturais, fatores históricos e sociais.

Considerar a linguagem em uma visão bakhtiniana, pressupõe entendê-la como uma abordagem constitutiva que é materializada em diversos discursos. Assim, os discursos são caracterizados como articulações enunciativas e se revestem de uma heterogeneidade discursiva, heterogeneidade esta que é permeada em todo discurso constitutivo.

Dessa forma, o trabalho da metodologia bakhtiniana é mediado pela análise de interpretação dos discursos que permite esmiuçar o objeto de estudo por meio do pensamento do sujeito e as condições sobre as quais ele enuncia e para caracterizar esses textos deve ser indicadas pelos enunciados completos que assim são cotejados com outros enunciados.

De acordo com Bakhtin (2002, p. 209)

A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda vida da linguagem, qualquer que seja seu campo de emprego, está impregnada de relações dialógicas.

A linguagem implica, através da perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (ADD), que haja um entendimento da língua como resultado na construção da vida verbal a partir de contextos específicos de comunicação e interlocução. De maneira que, ao proporem esse conceito, os postulados do Círculo para Análise Do Discurso não negam a estrutura da língua, mas afirmam que ela deve ser estudada e entendida a partir da definição de enunciados concretos.

Ainda nessa fala de Bakhtin (2002), ele nos remete à ideia de que a comunicação dialética – ou seja, a interação entre falantes que se comunicam por meio de uma língua – é a única forma pela qual uma língua adquire vida. Sob essa perspectiva, a linguagem não pode ser considerada como uma entidade autônoma e isolada, antes, como um meio de comunicação que se manifesta

como resultado das interações entre os sujeitos. Logo, para Bakhtin, a linguagem encontra seu verdadeiro campo de existência na comunicação dialógica. Isso significa que a linguagem é mais do que apenas uma ferramenta para transmitir informações ou expressar ideias; é também um processo social e cultural que envolve a negociação de significados e a criação de significados compartilhados e a criação de significados compartilhados.

Ademais, no processo de comunicação dialógica a linguagem não permite negar a sua materialidade linguística quando dela fazendo o uso com todos nós, sentimos a necessidade de que a comunicação dialógica perpassa a constituição de um campo da vida e linguagem e que as condições que o sujeito enuncia, nunca está isolada, mas constituída pelos outros.

Na visão bakhtiniana, a construção de sentidos que se insere dentro do pensamento dialógico entre linguagem e sujeito foram visíveis baseados na alteridade, por ser empregado em contraposições nas teorias que estudavam a língua como conceitos que não é concreto, realiza-se num determinado espaço e em um determinado momento únicos, sendo, portanto, irrepetível e sócio-historicamente situada. É por meio dessa atividade sempre reproduzida que se dá o nome de enunciado concreto.

Dessa forma, o enunciado carrega não só uma entoação avaliativa, mas também expressa e orienta certos modos de ver / compreender o mundo e não outros, logo, “todo discurso busca na verdade monopolizar os sentidos que cria, porque, ao dizer, o locutor procura tonar aceito o seu tom avaliativo – não do outro”. (SOBRAL, 2009, p. 46). Esse apontamento, mais uma vez, remete ao extralinguístico, aspecto da linguagem que permite o estabelecimento do dialogismo. Essas relações são organizadas a partir das esferas discursivas e dos eventos nelas inseridos.

Para Bakhtin (2000), “a relação dialógica pressupõe uma língua, mas não existe no sistema da língua. Não pode estabelecer-se entre os elementos da língua.” (BAKHTIN, 2000, p. 345). Ou seja, o dialogismo, está permeado na interação e na materialidade extralinguística do discurso. Sob a ótica bakhtiniana, podemos afirmar que as relações dialógicas de sua natureza são relações de sentido, ou seja, o eu estar em relação com os outros, já que, em outras palavras a materialidade linguística é perpassada dentro do discurso.

É importante ressaltar que, o conceito de diálogo dentro da concepção bakhtiniana, na maioria das vezes, é entendido de maneira equivocada, como sinônimo de concordância entre eu e o outro com a ideologia de que tudo é passível de consenso nas interações sociais. Mas, o diálogo, nessa visão bakhtiniana, é visto como uma interação da troca de turnos de fala, ele é “a

confrontação das mais diferentes refrações sociais expressas em enunciados de qualquer tipo e tamanho postos em relação” (FARACO, 2009, p. 62). Diálogo, em sentido bakhtiniano, em vez de consenso, é muito mais uma tensão entre sujeitos, “entre círculos de valores, entre forças sociais” (MARCHEZAN, 2014, p. 123). Sob o viés bakhtiniano, o diálogo se opõe ao discurso de um monólogo, sendo entendido na troca de falas entre os interlocutores.

Dessa forma, o autor nos faz pensar, que o diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal. Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a posição do locutor, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma posição responsiva (BAKHTIN, 2000, p. 294).

Segundo Faraco (2009), “o processo dialógico é concebido como infindo, inesgotável”. O diálogo é, segundo Ponzio (2012), uma necessidade, um “compromisso que dá lugar ao eu”, já que todas as nossas palavras, o nosso discurso, é constituído pelo outro, inclusive nossos discursos interiores, pois “o diálogo não é uma proposta, uma concessão, um convite do eu, mas uma necessidade, uma imposição, em um mundo que já pertence a outros” (PONZIO, 2012, p. 23).

Assim, cumpre notar que esses dizeres estão perpassados por vozes do outro, seja para realizar uma afirmação, refutar ou fazer uma consideração do outro no nosso dizer. A nossa consciência é permeada pelas palavras dos outros e nossas falas estão perpassadas pelo outro, e nos discursos interiores, o eu está permeado no mundo dos outros.

Os jogos de poder nas relações dialógicas sempre existirão por meio das vozes que emergem no discurso das diferentes verdades sociais. A presença dessas vozes é chamada de heteroglossia dialogizada, que são várias vozes em diálogo que lutam na arena dos signos (FARACO, 2009).

Na visão bakhtiniana, a palavra “diálogo” não significa somente a troca de enunciados frente a frente em um evento de comunicação interpessoal. Fiorin (2008) diz que as relações dialógicas podem ser vistas de modo mais amplo. O autor nos leva a pensar que o sujeito autor, desde seu lugar social e sua ideologia, ou posição axiológica, realiza o posicionamento por meio da sua luta de vozes sociais e faz emergir, em seu discurso, as vozes do outro, que estão se movimentando nesse discurso de diversas maneiras.

O sistema linguístico, composto por um conjunto de regras quase imutáveis que são frutos da reflexão sobre a língua, não serve imediatamente à comunicação, conforme Bakhtin/Volochínov (2018), mas o sujeito serve-se desse sistema para “suas necessidades enunciativas

concretas” (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2018 p. 95).

Segundo Fiorin (2008, p.25), “[...] os enunciados são sempre o espaço de luta entre vozes sociais, o que significa que são inevitavelmente o lugar da contradição”. O enunciado carrega consigo as diferentes posições sociais que circulam em determinada formação social, já que as pessoas possuem interesses e valores sócio-ideológicos divergentes.

Assim, todo dizer só fará sentido dentro de um contexto concreto de enunciação, que é “o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor.” (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2010, p. 95). Isso quer dizer que só produzimos linguagem por meio da interação, isto é, por meio do arranjo de enunciados que são manifestados através da fala viva.

De acordo com Bakhtin e Volóchinov (2010), se toda compreensão da fala viva é um amplo diálogo, todo enunciado vivo é de natureza dialógica e pressupõe uma atitude responsiva. Como o diálogo estabelece relação entre o “eu” e o “outro”, eles consideram que todo dizer pressupõe uma resposta, mesmo que essa não seja imediata, pois “a compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do outro uma contrapalavra.” (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2010, p. 137, grifos dos autores).

Segundo Bakhtin (2015), as vozes sociais surgem da estratificação interna de uma língua nacional. Dessa forma, no entendimento desse autor, a realidade é perpassada pela heterodiscursiva e dialogicamente por meio de um mundo de vozes que estão presentes na vida social. Nesse diapasão, Faraco (2009, p. 58) diz que as vozes sociais “vão se apoiar mutuamente, se inter iluminar, se contrapor parcial ou totalmente, se diluir em outras, se parodiar, se arremedar, polemizar velada ou explicitamente e assim por diante”. Logo, segundo essa linha de pensamento, as vozes sociais são produzidas pelos indivíduos que estão organizados no corpo social. Como uma visão de mundo não são vozes vagas, mas que dialogam umas com as outras na arena heterogênea da produção dos sentidos.

Ainda sobre a heterogeneidade, Faraco (2009, p. 84) aponta para uma formação heterogênea do sujeito, que não absorve uma só voz social, mas sempre muitas vozes. Assim, ele não é entendido como um ente verbalmente uno, mas como um agitado balaio de vozes sociais e seus inúmeros encontros. Logo, se as muitas vozes sociais são responsáveis por criarem

discursivamente o sujeito, este não é dotado de unicidade, antes é influenciado na sua constituição heterogênea e socioideológica. Assim, podemos dizer que o sujeito, através das muitas vozes sociais que o constituem, cumpre seu papel de fundamento da subjetividade.

Nas palavras de Bakhtin (2010, p. 73)

O romance, tomado como um conjunto, caracteriza-se como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngüe e plurivocal. O pesquisador encontra-se nele com certas unidades estilísticas heterogêneas que repousam às vezes em planos linguísticos diferentes se que estão submetidas a leis estilísticas distintas.

Nessa citação, observamos que o objeto sobre o qual Bakhtin se refere é o romance e, por conseguinte, vemos que o caráter pluriestilístico, plurilíngüe e plurivocal é constitutivo desse gênero. É nessa direção que conseguimos descobrir o conceito-categoria voz social. Isso nos leva refletir que estilo, língua e voz, esta última em sentido lato (não só o som), são inseparáveis, e são, ao mesmo tempo, sociais e históricos.

De acordo com o próprio Bakhtin. (2010, p. 74),

A originalidade estilística do gênero romanesco está justamente na combinação destas unidades subordinadas, mas relativamente independentes (por vezes até mesmo plurilíngües) na unidade superior do “todo”: o estilo do romance é uma combinação de estilos; sua linguagem é um sistema de “línguas”.

Assim, a enunciação reflete a experiência social com a qual formamos a nossa consciência e, a partir dela, ancoram-nos com o mundo. Entretanto, manifestar nossas posições não possui um significado de apenas um trabalho de uma denotação sígnica, mas mostra, além da compreensão do outro, o nosso modo de entender e elaborar a experiência. Em outros termos, apesar de participarmos de um mesmo meio social, expressamos nossa singularidade na palavra proferida. Assim, as refrações ideológicas das vozes são capazes de nos levarmos à reflexão e refratação de uma realidade que não possui limites da materialidade do signo. Então, como afirma Volóchinov (2018), as refrações ideológicas dessas vozes só podem ser expressas através de algum material que assuma uma natureza sígnica.

O dialogismo é um conceito amplo de cunho filosófico, discursivo e textual. Sobral (2009, p. 39) afirma que o dialogismo “busca dar conta do elemento constitutivo não apenas dos discursos como da própria linguagem e mesmo do ser e do agir humanos”, designando, em primeiro lugar, a condição essencial do próprio ser e agir dos sujeitos que só vêm a existir na relação com outros sujeitos, relação esta vinculada ao signo. Por conta disso, podemos afirmar que o signo linguístico possui uma pluralidade social que nos remete ao seu valor contextual.



Nessa linha teórica, o conceito de dialogismo está relacionado com o processo de produção dos discursos e da própria linguagem. Segundo o Círculo de Bakhtin, o locutor e o interlocutor possuem o mesmo peso pelo fato de que toda enunciação é uma “resposta”, uma réplica a enunciações passadas e a possíveis enunciações futuras, e ao mesmo tempo uma “pergunta”, uma “interpelação” a outras enunciações. Logo, a ocorrência de vários grupos sociais utilizarem o mesmo sistema linguístico determina que as palavras (leia-se resposta, réplica) expressem valores ideológicos opostos, sendo seus significados estabelecidos pelo contexto em que ocorrem. Dessa forma, salientamos que a situação social imediata é responsável pela atribuição de sentido a certos discursos.

Diante disso, cabe-nos pensarmos que em uma relação dialógica ocorre um vínculo constante de conexão com os enunciados, os quais geram uma corrente dialógica que irá determinar uma resposta e assumir um posicionamento que está carregado de valores em um círculo de atividade humana. Assim, para entendermos melhor sobre o dialogismo, necessitamos pensar nas relações sociais como elementos que estão perpassados em um ato de comunicação que manifestam valores ideológicos.

Nas palavras de Faraco, (2009, p. 66):

As relações dialógicas são, portanto, relações entre índices sociais de valor — que, como vimos, constituem, no conceito do Círculo de Bakhtin, parte inerente de todo enunciado, entendido não mais como unidade da língua, mas como unidade da interação social; não como um complexo de relações entre palavras, mas como um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas.

Corroborando com o exposto, entendemos que o dialogismo compreende, portanto, as relações de valores. Dentro desse contexto, as relações dialógicas constituem o enunciado dialógico que, por sua vez, não é mais visto como uma unidade de língua. No entanto, o enunciado pode ser compreendido como uma unidade de interação que constitui a sociedade.

Ao sugerir que “[...] em tudo ouço vozes e relações dialógicas” (BAKHTIN, 1974, p. 409-410, grifo do autor), o autor reafirma que o conceito de relações dialógicas estende-se para além do diálogo cara a cara. É como se entendesse que uma conversação nem sempre se manifesta de forma harmônica ou não trata de um problema de troca de respostas entre os enunciados com sujeitos falantes que estão organizados em uma sociedade. Assim, para que haja sentido nos enunciados trocados entre os sujeitos falantes é necessário uma resposta à pergunta, pois “Chamo sentido ao que é resposta a uma pergunta. O que não responde a nenhuma pergunta carece de sentido [...] O sentido sempre responde a uma pergunta. O que não responde a nada parece-nos

insensato, separa-se do diálogo.” (BAKHTIN, 2000, p. 386).

Ainda sobre o sentido, Sobral (2009, p. 40, grifo do autor) evidencia que “só faz sentido para o ser humano aquilo que responde a ‘alguma coisa’, ainda que essa coisa, ou a resposta a ela seja o silêncio, que também é uma enunciação”. Observamos assim que, no momento de interação social, podemos compreender que todo enunciado vivo é constituído por um sujeito falante e cada enunciado pode ser considerado um ato responsivo que esse sujeito vai se expressar com uma intencionalidade.

Ao expressar sua intenção e posição de valor em uma determinada troca de interesse, o sujeito manifesta um posicionamento que pode concordar, opor, responder. Portanto, o enunciado é dialógico em sua essência. Outrossim, para entendermos melhor como acontece essa relação dialógica e representativa de um enunciado, precisamos compreender que a ideologia faz parte e perpassa o indivíduo.

Desse modo, segundo Volóchinov

A palavra, por sua vez, é uma expressão da comunicação social, da interação de personalidades materiais e dos produtores. As condições dessa comunicação inteiramente material determinam e condicionam a definição temática e constitutiva que a personalidade interior receberá em uma dada época e em um dado ambiente, como ela conceberá a si mesma, quão rica e segura será essa autoconsciência, como ela motivará e avaliará os seus atos.” (VOLÓCHINOV, 2017- 1929, p. 311).

Uma das marcas da palavra, afirmada por Volóchinov (2017), é que a palavra não é apenas puramente sígnica, mas também é um signo neutro. A neutralidade ideológica da palavra permite a ela assumir qualquer função ideológica: ela pode refletir e refratar as ideologias dos mais diversos grupos sociais, pois, “a palavra é o material mais usual da comunicação cotidiana” (VOLÓCHINOV, 2017, p.99-100). Essa é mais uma das expressões da palavra que a mantém ainda no campo que é mediado entre as ideologias das classes sociais. Essas características aqui utilizadas são definidas no desempenho das funções sociais da palavra. Por essa razão, a palavra permite que o indivíduo seja dialógico mediado pela linguagem, pois as palavras são repletas de significados que se referem à realidade, que traz uma efetivação e condição real na comunicação verbal. Em outras palavras, por meio de enunciados é entendido o significado da palavra e sua entonação é verificada pela sua manifestação intrínseca. Mas essa expressiva entonação não indefere da palavra como uma unidade de língua, no entanto, pertence ao enunciado.

Acerca do signo atravessado pela ideologia, Bakhtin (1997, p. 9) expõe que “todo signo é constituído por uma ideologia, todo signo possui um posicionamento ideológico. Todo signo é eminentemente ideológico. As relações dialógicas também apresentam o dialogismo dos outros”. Nesse sentido, as palavras, que se manifestam em todas as interações sociais e são constituídas de uma infinidade de fundamentos ideológicos, expressam o reflexo das transformações sociais, já que elas são sensíveis e capazes de registrar todas as mudanças que ocorrem nas estruturas sociais.

Não obstante, Bakhtin (2011, p. 55), afirma que “Todo dizer é, assim, parte integrante de uma discussão cultural (axiológica) em grande escala: ele responde ao já dito, refuta, confirma, antecipa respostas e objeções potenciais, procura apoio etc”. Nessa perspectiva, assentimos com o dito pelo autor de que o sujeito falante está aguardando sempre um retorno, uma resposta do enunciado que é dito, falado e expressado para confirmar e adiantar as respostas.

Nas palavras de Brait (1997, p. 98)

Por um lado, o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem. Por um outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos. E aí, dialógico e dialético aproximam-se, ainda que não possam ser confundidos, uma vez que Bakhtin vai falar do eu que se realiza no nós, insistindo não na síntese, mas no caráter polifônico dessa relação exibida pela linguagem.

Assim, a ideologia faz parte da linguagem, e a própria forma de expressar a opinião do indivíduo é permeada de posições ideológicas que nem sempre em um diálogo são hamônicas, existem os distintos discursos que são configurados em uma comunidade e desse modo, todo discurso é carregado, também, de marcas de enunciados de um sujeito falante que está inserido em um contexto que precisa ser analisado para entendermos o enunciado.

Nesse contexto, as relações dialógicas se perpassam entre o eu e o outro de maneira processual nos discursos que são inseridos os sujeitos e, por conseguinte, o sujeito que é dialógico em sua essência, permeia o eu no nós. De um lado, notamos o caráter interdiscursivo da linguagem, que está relacionado ao dialogismo, considerando que ele reconhece que todo discurso é composto por inúmeras vozes e discursos que interagem em uma contínua troca de significados e emoções. Sob outra ótica, o dialogismo faz parte das relações que o Eu e o Outro estabelecem entre si no decorrer dos discursivos firmados historicamente pelos interlocutores. Essas relações não são

necessariamente harmoniosas ou simétricas; ao invés disso, elas abrangem um contínuo processo de negociação e conflito entre os vários pontos de vista e vozes que se expressam através da linguagem.

Como ambos os termos fazem alusão às relações de interação e negociação presentes na linguagem, Brait destaca a semelhança entre os conceitos de dialogismo e dialética, sem, porém, confundi-los. Na visão bakhtiniana, enfatiza-se a existência da natureza polifônica dentro das relações socioculturais, apontando que o Eu ocorre em Nós, mas sem que esses indivíduos sejam necessariamente uma simbiose entre as várias vozes e pontos de vista presentes na linguagem.

Vale ressaltar ainda que, conforme Bakhtin (2011), o indivíduo falante começa a adquirir, também, a sua posição axiológica fora do outro e se dispõe a ouvir um retorno dele, porque só o outro pode abraçar, envolver todos os lados, perceber os seus limites e construir nessa conduta o ser exterior do próximo. Assim, se inicia uma vida nova, produz algum sentido novo e o enunciado sempre se constitui de forma recíproca com o outro.

Não obstante, compreendemos que em todo e qualquer momento de interação no dia a dia ocorre um encontro entre os sujeitos e, conseqüentemente, nas suas ideologias. Sendo assim, a relação social analisada sob a ótica bakhtiniana compreende que o indivíduo falante está participando e atuando nesse processo de comunicação, que conversa, responde e assim as relações dialógicas se concretizam.

Nas palavras de Faraco, ( 2009, p.61)

O diálogo concreto (a conversação cotidiana, a discussão científica, o debate político, e assim por diante). As relações entre réplicas de tais diálogos são um tipo mais simples e mais externamente visíveis de relações dialógicas. As relações dialógicas, no entanto, não coincidem de modo algum, é claro, com relações entre réplicas do diálogo concreto elas são muito mais amplas, mais variadas e mais complexas (FARACO, 2009, p. 61).

Concordando com Geraldi, (2003, p. 52), “[...] se compreendemos com palavras que antes de serem nossas foram e são também dos outros, nunca teremos certeza se estamos falando ou se algo fala por nós”. De acordo com essa interpretação, o processo de comunicação não é a expressão prévia de algo que já existe na lado interno de uma pessoa para outra por meio do uso de palavras, o que a caracterizaria apenas como uma ferramenta, antes, como aspecto fundamental da linguagem, a comunicação se configura como o ato de se expressar em relação ao outro, e não apenas para ele. No contexto das relações entre as réplicas, o autor explicita que nesse tipo de diálogo as relações são mais diretas e fáceis de observar, mas não abarcam todas as relações

interpessoais. Por outro lado, as relações dialéticas são mais complexas e variadas do que aquelas entre as réplicas de um objeto específico do diálogo.

De fato, se refletirmos sobre os indivíduos que estão em constante interação dialógica com o outro, temos que pensar na ideia de que o dialogismo não pode ocorrer mediado pela repetição de palavras, sem nexos nenhum, não há possibilidade alguma de desdobrarmos o eu no outro, pois temos de entender que cada sujeito produz um significado e no processo de comunicação entre o outro, quando o sujeito falante se perpassa com as outras vozes, se estabelece uma relação dialógica.

Portanto, o dialogismo só ocorre no campo do discurso e no processo de interação dialógica entre os indivíduos. Assim, segundo Bakhtin (2011, p. 117), quaisquer enunciados, se postos lado a lado no plano do sentido, “acabam por estabelecer uma relação dialógica”.

Dessa forma, a visão bakhtiniana nos apresenta uma essência dialógica de compreender o sentido da vida, das relações sociais, o jeito de viver, como caracterizamos o mundo. Ao demover o eu do ponto central das relações para colocar o outro, Bakhtin nos permite entender que não estamos sozinhos no universo. No entanto, na interação com os outros sujeitos que nos alteram e que vão nos perpassando como sujeitos, podemos compreender que possuímos singularidades.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

Abrimos esta seção com uma descrição da nossa pesquisa e, em seguida, anunciamos como sistematiza a organização e procedimentos da análise do *corpus*. Nesta parte, apontamos o percurso metodológico o qual percorremos para atingir os objetivos propostos na construção desta pesquisa. Desse modo, a filiação teórica está ancorada na Análise Dialógica do Discurso.

A presente pesquisa circunscreve na abordagem que assume o viés qualitativo e natureza interpretativista, pois o investigador visa ler textos que são capazes de realizarem construções de um entendimento da visão que busca compreender as relações dialógicas que estão perpassadas ao nosso objeto de estudo, tendo-se em vista que, como estudiosos da linguagem, esposamos interesse na constituição do dialogismo e como ele desdobra-se a partir do discurso.

Elegemos como cotejo um discurso militante realizado por Malala Yousafzai, a adolescente paquistanesa que foi alvejada pelo Talibã por promover a educação para meninos e meninas. Ela pediu aos líderes mundiais que proporcionem educação compulsória e gratuita para todas as crianças.

O *corpus* desta pesquisa é composto por um discurso retirado da plataforma *YouTube*. O discurso foi selecionado de um dos canais brasileiros relacionados para os estudos dos discursos políticos mais visualizados (com quase 51 mil visualizações). A escolha do *corpus* se justifica porque esse discurso possui relevância política, histórica e social em esfera mundial. A militante Malala Yousafzai falou para uma plateia de representantes de mais de cem países na conferência de Jovens das Nações Unidas. O *corpus* foi publicado no site do professor Hélio Dias, canal do *YouTube*, canal este voltado para a educação e para os estudantes que queiram realizar os vestibulares e possui ao todo duração de tempo de 17 minutos e 27 segundos.

Assim sendo, enquadrar-nos destacar como sistematizamos a análise. Além de assistirmos o vídeo várias vezes, transcrevemos e realizamos leituras dos textos transcritos.<sup>1</sup> Basicamente, nessas leituras interpretativistas, embasadas no aporte teórico estimulado, construímos nosso entendimento sobre os embates das vozes sociais presentes no vídeo e caracterizamos os posicionamentos políticos e ideológicos assumidos pela ativista, Malala Yousafzai, na defesa da educação. O que vai ao encontro com a visão Bakhtiniana é resultante desse exercício interpretativo é exibido na seção seguinte.

A princípio, antes de refletirmos na análise, é válido ressaltar que expusemos a importância de entender a contextualização sobre Malala Yousafzai para situar a pesquisa em sua unicidade e pensá-la em sua dialogia. Logo, se faz necessário que nos concentremos na profundidade de sentidos dos enunciados e tomemos contato com sua amplitude para compreendê-los de modo mais específico, o que é possível de ser feito por meio do cotejo como percurso metodológico.

No ensaio “*A palavra na vida e a palavra na poesia*”, Volóchinov (2019) defende a importância da análise do “horizonte extraverbal” do discurso para o não comprometimento de seus sentidos. Isso significa dizer que o extraverbal, ou seja, aquilo que (aparentemente) é externo ao discurso faz parte na realidade, interna e intrinsecamente ao todo do enunciado.

Desse modo, a situação extraverbal não é em absoluto uma simples causa externa do enunciado, ou seja, ela não age sobre ele a partir do exterior, como uma força mecânica. Não, a situação integra o enunciado como uma parte necessária da sua composição semântica. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 1200.

Na aventura de cotejar textos, o pesquisador encontra-se com discursos que não aguardava

---

<sup>1</sup> Na transcrição dos vídeos, seguimos as convenções de transcrição adaptadas de estudos da Análise da Conversa de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), com incorporações de Loder e Jung (2009), na proposta apresentada no trabalho de Attallah e Nogueira (2013).

se deparar, trazendo à tona vozes que em um primeiro momento não estavam visíveis aos seus olhos, mas que se revelam ao esmiuçar seu objeto de estudo.

Considerando nossos objetivos, nesta pesquisa, nos interessam as falas do discurso político de Malala Yousafzai sobre a educação, Mais especificamente, contemplamos a análise de 6 falas sobre educação, Destacamos nosso interesse pelo site educativo do professor “Hélio Dias”, que, segundo seus idealizadores, é um espaço específico para que o vestibulando possam compartilhar aprendizados, descomplicar e descontraír a vida dos estudantes por meio de divulgação dos vídeos. Utilizamos a legenda em português do vídeo para entendermos as falas e trouxemos o link do vídeo que foi publicado.<sup>2</sup>

Os discursos que constituíram a análise da nossa pesquisa se apresentam de formas distintas, alguns são mais extensos, outros são mais breves, enquanto outros respondem a um comentário anterior, complementando-o, concordando, discordando, entre outros. Vale ressaltar que em cada fala é perpassada uma intencionalidade e uma responsabilidade para que esse público tenha o acesso gratuito e sem complicação.

#### 4 ANÁLISE DISCURSIVA

Nesse momento, nosso foco se volta ao discurso político de Malala Yousafzai que circula na plataforma *YouTube*. Para darmos conta de como as relações dialógicas se constituem discursivamente nesse *corpus*, centralizamos nossa visão sobre os posicionamentos políticos e as posições ideológicas assumidas pela ativista na defesa da educação. Para este estudo, analisamos as falas que se desdobram no discurso dessa paquistanesa, que se propõe a abordar especificamente a educação, pois o discurso dela é um chamamento ao diálogo.

Nessa direção, iniciamos a análise com o entendimento de que ao assumir a sua voz, Malala Yousafzai estava ciente da realidade que vivemos: um mundo marcado pela desigualdade, opressão e exclusão social. Assim, ela demonstra, em suas primeiras falas, seu projeto: a educação que quer levar às pessoas. Quando a ativista se expressou com esse enunciado, causou certa surpresa, pois o tema que ela escolheu para discursar surpreendeu tanto seus admiradores como seus críticos.

Podemos compreender, também, que os sentidos manifestados no seu discurso abarcam uma temática central que acabam por exercer uma função convocatória para o usuário que acredita

---

<sup>2</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=B0QOL6VSfsc>. Acesso no dia 11 de abril de 2023.

na construção do seu mundo e de sua dialogia, tendo-se em vista que as falas de Malala tem posicionamentos políticos e ideológicos. Consideramos o sujeito e as condições que ela enuncia.

Com base nesse entendimento, jornadeamos ao discurso político da ativista em foco, das falas por ela proferidas. A primeira delas, com duração de 3 minutos, se trata a dar conta da introdução do discurso proposto pela enunciativa, em que já demonstra o seu posicionamento ideológico, o que, por sua vez, materializa o dialogismo contido dentro da temática educação, pois o material linguístico está presente e claramente manifesto na esfera do discurso da paquistanesa.

#### 4.1 Um pouco sobre a biografia de Malala Yousafzai

A garota Malala Yousafzai é uma ativista paquistanesa e é a pessoa mais nova a ganhar um prêmio Nobel. Muitas pessoas a conhecem por defender os direitos humanos das mulheres e do acesso à educação. A ativista e militante tem 25 anos de idade e nasceu em um Vale do Swat, localizado no Norte do Paquistão.

Malala Yousafzai, nasceu dia 12 de julho de 1997, e aos 15 anos de idade foi vítima de um atentado terrorista por um grupo extremista do Talibã. Mesmo sendo alvejada por balas em seu rosto, Malala sobreviveu. Após o atentado, ela foi urgentemente socorrida e, devido à gravidade do seu quadro clínico, foi levada por um helicóptero das Forças Armadas para o hospital militar de Peshawar. Um dos disparos tinha atingido a sua cabeça e, por esse motivo, foi preciso que Malala passasse por uma operação. Logo após a cirurgia, ficou sob o acompanhamento de uma equipe médica profissionalizada (LAMB; YOUSAFZAI, 2013).

Hoje, considera-se que o trabalho de ativismo de Malala nesses últimos 10 anos foi desafiador, de modo que o seu bom rendimento acadêmico e protagonismo internacional renderam à jovem uma vaga na Universidade de Oxford, na Inglaterra. A ativista se formou em filosofia, política e economia, em junho de 2020. No dia 9 de novembro de 2021, com apenas 24 anos, Malala casou-se com o seu noivo, Asser Malik, indo em seguida foi morar em Londres (LAMB; YOUSAFZAI, 2013).

Para muitos, Malala tornou-se uma figura exemplar por ter começado a sua luta pelo direito à educação. Malala é tida como uma líder que gera esperança e otimismo nos seus seguidores. Ela consegue transmitir autenticidade e faz com que as pessoas entendam os seus objetivos, suas reivindicações e se identifiquem com elas. Malala enfrenta muita resistência, o que é entendido



como algo normal para qualquer liderança que quer ter sua voz ouvida e seus direitos resguardados. (LAMB; YOUSAFZAI, 2013)

Assim, Malala Yousafzai é idealizadora de um projeto educacional chamando “Malala Found”. Esse projeto visa garantir que todas as crianças tenham acesso à educação gratuita, especialmente nas partes do mundo onde esse direito lhe é negado. Vale ressaltar que essa fundação se espalhou para os países asiáticos e a militante pretende expandir essa fundação para outros países, como o Brasil.

No ativismo, o legado que Malala traz para a sociedade não é de que a crença voltada para as mulheres são inerentemente superiores aos homens, bem como a maioria dos políticos são contraditórios aos movimentos feministas buscam na sua mensagem. Sua luta ativista é para que homens e mulheres tenham os mesmos direitos básicos, em especial, na educação, já que é comum a evasão escolar entre meninas e adolescentes ou até mesmo a proibição por regimes como os que a fizeram se vítima de um atentado.

Sua luta em prol da educação é repleta de muitos desafios e dificuldades, pois existem diferentes barreiras no acesso educacional. Porém, Malala Yousafzai acredita que por meio de sua luta é capaz de surgirem várias outras representantes e que as garotas podem ser líderes dessas lutas, especificamente, na mudança dessa causa.

#### 4.2 O discurso de Malala em seu contexto

Depois que foi baleada, Malala fez o seu primeiro discurso público na sede das Nações Unidas, em Nova Iorque. O discurso da ativista está inserido contexto específico do Paquistão, discurso este voltado para as meninas e crianças que não possuem o acesso gratuito à escola. Embora o acesso à educação seja um problema enfrentado em muitos países, Malala Yousafzai fala para uma plateia de pessoas sobre o que ela sonha em construir, ou seja, um mundo em que homens e mulheres tenham os mesmos direitos básicos, em especial na educação, já que é comum a evasão escolar entre meninas e adolescentes. A militante ainda defende a erradicação de regimes como os que a fizeram vítima de um atentado.

De fato, para pensarmos em um discurso tão fundamentalista com a política, em especial, o militante, significa, antes de tudo, refletirmos sobre a luta pelo poder, pela hegemonia social. O que é, certamente, característica exclusiva desse discurso em questão, visto que cada indivíduo tem seu lugar, e cada lugar tem seus contextos e propósitos próprios e que, na interação social, entram

em contato com muitos outros discursos que também concebem o mundo a partir de seus critérios, constituindo-se nas relações dialógicas das quais nenhum discurso consegue se abster.

**Figura (1)-** Imagem de Malala Yousafzai



**Fonte:** Canal do professor Hélio Dias<sup>3</sup>

Assim, Malala Yousafzai atribui um valor social nas roupas que ela está usando, embora suas vestimentas sejam habituais para o estilo de roupas de uma garota que vive em um país asiático, com culturas e costumes diferentes, Malala Yousafzai escolheu suas vestes de forma criteriosa, tencionando constituir a sua mensagem e o seu posicionamento ideológico. São vestimentas que simbolizam a sua cultura, pashtuns, e através de suas peças de roupas podemos ver uma representação da ativista para outras meninas muçulmanas ou meninas pashtun ou meninas paquistanesas que, quando usam elementos tradicionalistas, são excluídas socialmente, devido ao sistema patriarcal. Desse modo, Malala Yousafzai constrói sua identidade ideológica a partir de sua imagem, que é mostrada por intermédio do resgate dessas vestimentas. Ela demonstra o quanto uma militante possui representatividade política, feminista e inspiradora.

Dessa forma, há um determinado momento em que a ativista militante se coloca no lugar do outro e de quem vivenciou essa violência, ou seja, o discurso político de Malala Yousafzai é voltado para a invisibilidade social, voltadas para as pessoas que estão excluídas socialmente. A interlocutora aponta a condição de desigualdade das meninas e crianças que não possuem acesso gratuito à educação, se tornando vulneráveis e invisibilizadas enquanto cidadãs.

---

<sup>3</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=B0QOL6VSfsc> Acesso no dia 11 de abril de 2023.

### 4.3 O discurso de Malala: Um olhar discursivo

Excerto (1)

**Queridos irmãos e irmãs, lembrem-se de uma coisa: O 'Dia de Malala' não é o meu dia. Hoje é o dia de cada mulher, cada garoto e cada garota que levanta a voz pelos seus direitos. Eu falo, não por mim mesma, mas por todos os meninos e meninas. ↑**

No excerto 1, em cada discurso de Malala Yousafzai, a enunciativa realiza uma breve introdução de si e faz um chamamento para o discurso político que se volta para as pessoas excluídas. Devemos entender que, se por um lado, os pensamentos da ativista estão em continuidade e não dependem da função que ocupa, como ela mesmo afirma, por outro lado, sua condição de militante adquire uma responsabilidade de se posicionar para as pessoas que estão excluídas.

Como podemos observar, o excerto acima é repleto de posicionamentos ideológicos da enunciativa, que possibilita entender o dialogismo elucidado pelo discurso militante de Malala Yousafzai como uma resposta às várias situações de exclusão social. Assim, o discurso é o instrumento pelo qual a locutora mostra a sua voz e a realidade de um mundo melhor que ela quer construir.

A título de exemplificação das relações dialógicas presentes no discurso de Malala Yousafzai, podemos destacar a primeira parte deste extrato. Ao discursar que “o Dia de Malala” não é só dela, fica evidente a relação com outras vozes sociais que ecoam através de sua luta ideológica. Cumpre notar algumas vozes sociais presentes no discurso de Malala, tais como: as vozes das crianças e mulheres em todo o mundo que não têm acesso à educação; a voz de pais e parentes que, em algumas partes do mundo, fazem resistência à ideia de suas filhas estudarem formalmente; a voz dos governos e autoridades políticas, que embora disponham dos meios para promover a educação, desprezam esse tema; por fim, a voz da própria Malala, como ativista da educação.

Dessa forma, as vozes do outro dialogam umas com as outras em seu discurso, trazendo à tona o princípio dialógico, o qual constitui-se em uma possível forma de acarar o outro, na troca e no conflito e, assim, o pensamento se completa nessa troca. Logo, podemos observar que a voz do outro é colocada em evidência nos dizeres da produtora. É a voz do leitor que se questiona por

meio do discurso ideológico da emissora.

Nesse trecho da fala de Malala, vemos com clareza meridiana as vozes e os dizeres do outro, pois ela não fala só para ela e por ela, mas para as outras vozes sociais que se reverberam em seu dizer. Desse modo, a sujeita constrói sentido para si e para o mundo através de sua inserção na história. Dessa forma, acontece um exemplo de entoação viva na fala concreta da ativista do discurso verbal que é como que fosse um evento social. Enquanto profere o seu discurso, Malala se apresenta como defensora do direito à educação para as mulheres e isso é enfatizado pelos aspectos entoacionais. Por exemplo, a interlocutora usa de argumentação direta e focada para enfatizar a necessidade de mudança e a importância da educação. Outro aspecto da entonação discursiva de Malala é que ela chama a atenção do público e enfatiza os pontos-chave de sua mensagem. Passemos a analisar o próximo trecho do discurso.

Excerto (2)

**Queridos irmãos e irmãs, não sou contra ninguém e nem estou aqui para falar sobre uma vingança pessoal contra o Talibã ou qualquer outro grupo terrorista. Estou aqui para falar pelo direito de cada criança à educação e quero educação para os filhos e filhas de todos os extremistas, especialmente para os filhos e filhas dos talibãs. ↑**

No excerto 2, mais adiante, Malala Yousafzai sempre realiza uma retomada sobre o atentado que ela sofreu contra o grupo extremista do Talibã. Aqui, a autora sempre traz um diálogo sobre a retomada de seu acontecimento e realiza uma exposição sobre as inquietações que o outro quer diluí-se em sua voz.

Podemos perceber claramente o seu posicionamento político e sua posição ideológica por sua vez, Malala Yousafzai olha para a educação como uma condição necessária para resolver os problemas nos quais se ancora a humanidade. Essa parte do discurso nos permite entender que, ao assumir a sua voz, Malala Yousafzai estava ciente da realidade do seu contexto em que a educação é marcada pela desigualdade, opressão e exclusão social. A ativista paquistanesa também valoriza a importância dos livros nas escolas.

Nessa perspectiva, a palavra educação e suas representações mais significativas estão associadas de modo positivo, pois ao levar o conhecimentos para as pessoas, o sujeito é ensinado a valorizar alguns ensinamentos que só pela educação é capaz de ser aprendido. Em outras palavras, a educação pode ajudar a combater o terrorismo ao promover o respeito pelas diferenças culturais,

econômicas, políticas e religiosas. Enquanto ensina os valores de respeito e tolerância, a educação pode ajudar a prevenir a radicalização do extremismo e ataques nas escolas. Entretanto, a educação sozinha não pode resolver o problema do terrorismo, mas há muitas causas subjacentes relacionados ao grupo terrorista que necessitam ser abordadas, pois os terroristas são motivados por outras razões, como ideologia e vingança, por exemplo.

Ela demonstrou, em suas primeiras palavras, seu projeto de interesse: a educação que quer levar às pessoas. Quando a ativista proferiu esse enunciado, causou certa surpresa, pois o tema que ela escolheu para discursar , a educação, pegou a sua plateia “desprevenida”, porque a plateia não esperava que ela fosse discursar sobre essa temática. À vista disso, pensar no discurso de Malala Yousafzai significa dialogar no sentido de que o discurso de Malala é uma resposta a outros discursos militantes que abordam sobre o desejo da educação como direito de todas as pessoas, direito este que é claramente uma “afrota” à identidade cultural para a qual ela se pronuncia em um embate das vozes excluídas socialmente. Isso se deve à imagem da militante que é formada ao longo do discurso político e a postura de militante que ela assume, conforme vemos a seguir:

Excerto (3)

**Mulheres e crianças sofrem em muitos lugares do mundo, de várias formas diferentes. Na Índia, crianças pobres e inocentes são vítimas do trabalho infantil. Muitas escolas têm sido destruídas na Nigéria, enquanto os afegãos são oprimidos pelas barreiras impostas pelo extremismo por décadas. ↑**

Nesse trecho, em seguida, o discurso político de Malala Yousafzai reforça a presença do dialogismo como um discurso-resposta que se respalda por uma necessidade de ressaltar as lutas de resistência das mulheres e crianças que são oprimidas pelo grupo extremista. o dialogismo nos é apresentado como estando centrado na elucidação ao discurso-resposta destacado em negrito.

Os enunciados que compõem essa parte estão agitados pelas vozes do outro. Logo, a forma como o enunciador se pronuncia respalda a proposição de construção de um mundo que Malala Yousafzai tanto sonha. No dizer da ativista paquistanesa, ao assumir a dominação em seu discurso. Assim, a sua luta ideológica é pautada na educação como arma do conhecimento e as pessoas são símbolos de paz e de igualdade.

Nessa direção, o discurso da ativista paquistanesa dialoga com o mundo, pois podemos identificar o seu pronunciamento como uma contrapalavra à imagem que a militante Malala

Yousafzai possui na sociedade, uma imagem de representatividade mundial, que é construída pelos seus admiradores, como uma resposta em prol de garantir os direitos básicos das mulheres e crianças que são vítimas do trabalho infantil. Assim, o discurso político de Malala Yousafzai gera um diálogo permanente com as pessoas que são socialmente injustiçadas, excluídas e silenciadas. Passemos a analisar o próximo excerto:

Excerto (4)

**Convocamos todos os governos a assegurar a educação obrigatória livre para todas as crianças do mundo.** ↑

Podemos perceber que, sua explanação é uma defesa dos argumentos que cobram um direito que é inerente à toda criança, qual seja, uma educação mais justa. Em seu discurso, convive o discurso acerca dos oprimidos. Dessa maneira, compreendemos que as palavras de Malala Yousafzai revelam uma postura ativa, interessada, carregada de intencionalidade no desejo da educação como direito de todos os indivíduos. nesse posicionamento político de Malala, ela se expressa por meio de uma convocação dos governos para assegurar de uma educação obrigatória. Essas contrapalavras, em relação à educação obrigatória, representam, também, uma postura em relação ao discurso e à própria realidade. Isso assinala que, desigualdades, lutas e resistência se dão pelas contrapalavras. Quando analisamos a voz de Malala Yousafzai, entendemos que essa militante pode representar para os que são contra o seu posicionamento, um atraso e, para que são a favor, uma inspiração de luta.

Podemos perceber um jogo discursivo, pois nesses diálogos o discurso político de Malala se ancora na ideologia de uma educação democratizadora, que anda em descompasso em relação à realidade e aos problemas nos quais o homem moderno está enraizado. Certamente, um discurso que considera a importância do papel social que Malala Yousafzai possui na defesa da educação, e a própria diversidade ideológica que existe dentro de outros discursos militantes, é algo digno de nota.

Excerto (5)

**Pedimos aos líderes mundiais que todos os acordos de paz protejam os direitos das mulheres e crianças. Um acordo que se oponha à dignidade das mulheres e aos seus direitos é inaceitável.**

↑

No fragmento 5, em cada discurso ouve-se, portanto, a voz do sujeito que o enuncia, bem como, pelo menos, uma outra voz com quem se dialoga. A orientação do discurso é dialógica, justamente porque ocorre entre sujeitos que são situados histórica e socialmente em uma revelação de embates e posicionamentos ideológicos que inserem os enunciados. Podemos observar todo o esforço do enunciador para realizar o seu desejo por meio de seu discurso. A locutora propõe de maneira simples, mas direta, um acordo para garantir a paz entre as autoridades mundiais em prol da proteção dos direitos da mulheres e crianças e que a dignidade delas sejam preservadas e acessíveis.

Os posicionamentos políticos expressam, nos dizeres do enunciador, a sustentação da defesa da garantia do acesso gratuito à educação. Para a realização desse propósito, se faz necessário que essas lideranças mundiais entrem em consenso e busquem uma forma de assegurar a tranquilidade e garantia desses direitos básicos às mulheres e crianças. Chama a atenção, nesse acontecimento, o diálogo como uma maneira de resolver os problemas que permeiam a vida do indivíduo moderno.

Na última parte apresentada pela enunciativa, há um posicionamento político muito marcante em seu discurso religioso sobre a necessidade de garantir a hegemonia social para amenizar os atentados nas escolas e uma tentativa enfática na busca pela solução dos problemas que marcam o cotidiano do homem moderno. Isso, só será possível, no entender da militante, se houver a garantia de acesso à escola e por meio da defesa da educação, conforme podemos ver no trecho que se segue.

Excerto (6)

**É por isso que eles atacam escolas todos os dias: porque têm medo da mudança, da igualdade que vamos trazer para a nossa sociedade. ↑**

A partir desse excerto, e as relações dialógicas são sempre relações ideológicas, de poder. Todos esses dizeres de Malala Yousafzai se mantêm vivos no tempo, por meio do seu discurso que se respalda nas suas posições políticas e posicionamentos ideológicos e a partir da convivência com sujeitos, das relações de amor, do poder, de fé, de embates das ideias que se constituem nas relações sociais. Notamos que a locutora enuncia sobre a igualdade. Ela afirma que a violência escolar ocorre por causa da falta de interesse em mudar a situação atual de hegemonia social. Outro

questionamento elucidado pelo posicionamento dessa fala diz respeito à união social, que é uma solução para resolver as crises que circundam o mundo. Assim, há muita resistência dentro de Malala, bem como nas vozes sociais que ecoam em seu discurso, especialmente no que tange à educação.

Dessa forma, Malala ao se expressar confirma que o sujeito é constituído pelo outro. No entanto, nos deparamos com uma prática social diferente da realidade que ocorreu em seu discurso. Assim, compreendemos que, nesse enunciado concreto, as vozes sociais são entoacionadas de valorações e identidades próprias dos contextos sociais e históricos dos sujeitos da enunciação, o que caracteriza a entoação como um aspecto que estabelece um vínculo entre a palavra e o contexto extraverbal. Podemos compreender, ainda, os aspectos entoacionais como um valor atribuído aos sentidos que podem ser vistos no próprio *corpus* do discurso proferido e acaba assumindo um sentido que é distópico da realidade em que ocorre, conforme notamos no discurso político de Malala Yousafzai pelos sujeitos que escutam seu discurso.

Por fim, é interessante destacar que as relações dialógicas presentes nos dizeres da ativista paquistanesa Malala Yousafzai, foram analisadas a partir da interpretação que permeia as falas de seu discurso. Dessa maneira, há uma possibilidade de entendermos que o dialogismo pode ser visto de maneira convergencial, divergencial, aceitação ou recusa. Logo, os dizeres da militante são compreendidos e analisados a partir de falas que reverberam nas relações conversacionais, pois como nos recorda Fiorin (2008), os enunciados são sempre espaço de luta entre vozes sociais, o que significa que são inevitavelmente o lugar da contradição. É este, pois, um fator constitutivo das diferentes posições sociais que circulam numa determinada formação social.



## 5 CONCLUSÃO

Partindo de um entendimento de que o dialogismo é constitutivo, para nós estudiosos da linguagem, a leitura e análise do discurso político da ativista paquistanesa Malala Yousafzai se apresenta como uma maneira possível de lançarmos olhares investigativos sobre os enunciados que circulam no discurso da militante. Com base no estudo aqui desenvolvido, podemos assinalar uma constituição dialógica no discurso político da ativista Malala sobre a educação.

O percurso dessa pesquisa objetivou compreender as relações dialógicas existentes sobre o discurso da ativista Malala Yousafzai e, por conseguinte, os impactos sociais gerados por ele. Ainda buscou-se analisar o embate das vozes sociais presente no discurso de Malala Yousafzai, bem como caracterizar os posicionamentos político-ideológicos assumidos pela ativista na defesa da educação. Desse modo, procuramos evidenciar que nesse discurso, além da presença do dialogismo, há uma predominância de vozes sociais que perpassam a sua locução enunciativa no discurso de Malala.

Quanto à análise de como as relações dialógicas se constituem discursivamente nesse *corpus*, centralizamos nossa visão sobre os posicionamentos políticos e as posições ideológicas assumidas pela ativista na defesa da educação: i) O dia de Malala não como o dia dela, mas há uma relação com outras vozes sociais que ecoam em seu discurso; ii) A educação como arma do conhecimento; iii) O dialogismo como resposta elucidada a outros discursos militantes; iv) O diálogo como uma maneira de resolver os problemas que o homem é respaldado; v) os posicionamentos políticos e posições ideológicas assumida pela ativista na defesa da educação; vi) A locutora pronuncia em favor da igualdade.

Buscamos suporte em estudos de autores como Bakhtin e Volóchinov (2010), Bakhtin (2010, 2015), Brait (2004) e Volóchinov (2019), para citar alguns. Respaldados nesses teóricos, efetuamos um estudo de natureza e de base qualitativa de um discurso militante que foi veiculado na plataforma digital *YouTube* no canal do professor Hélio Dias, canal este voltado para os estudantes que queiram estudar para realizarem os vestibulares.

Ademais, concluímos que as relações dialógicas que constituem o discurso da ativista Malala Yousafzai, são uma resposta ao discurso de hegemonia social vigente em seu país. Assim, através de seu discurso, ela manifesta seu ponto de vista, sua ideologia, e, desse modo, por ser uma militante que possui representatividade mundial, traz consigo a sua visão particular que difere da realidade cotidiana.

Assim, destacamos que, se compreendemos que as relações dialógicas examinadas aqui, como várias outras que circulam no universo digital, são elucidadas como uma resposta aos problemas nos quais que o homem moderno está respaldado, o discurso de cunho político de Malala Yousafzai possui caráter doutrinador e, portanto, tais posicionamentos políticos e posições ideológicas, manifestam a manutenção de uma verdade.

Portanto, salientamos a relevância e a necessidade da ampliação dos estudos ancorados na temática do dialogismo de cunho político, pois mediante esses estudos foi que analisamos o embate das vozes sociais presentes no discurso de Malala Yousafzai, o qual se apresenta com uma caracterização dos posicionamentos políticos e ideológicos assumidos pela ativista na defesa da educação. Com a realização desse estudo, buscamos construir caminhos para a investigação do objeto aqui analisado. Assim, por intermédio desta pesquisa, esperamos ainda que os diálogos e compreensões tecidas até o presente momento possibilitem novas leituras para que tanto o discurso político de Malala Yousafzai quanto o dialogismo possam ser investigados de maneira interligada. Dessa maneira, resta-nos apontar para a necessidade e a possibilidade de ampliar os estudos sobre a temática em foco.

## REFEFÊNCIAS

- A.SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin.** São Paulo: Mercado de Letras, 2009.
- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas.** São Paulo: Musa, 2001.
- AMORIM, M. Freud e a escrita de pesquisa: uma leitura bakhtiniana. **Eutomia.** V.2, p. 01-14, 2009.
- ANDRADE, M. M. De. **Introdução á metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação.** 9. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- AZEVEDO, I. B. De **O prazer da produção científica: descubra como é fácil e agradável elaborar trabalhos acadêmicos.** 12. Ed. Rev. E atual. São Paulo: Hagnos, 2008.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Tradução de Paulo Bezerra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável.** Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010.
- BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: A estilística.** Prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. 1ª ed. 2015, 1ª reimpressão. 2017. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso.** Organização, tradução, pós-fácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. 1ª ed. 2016, 3ª reimpressão. 2020. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. **Dialogismo e construção do sentido.** ( Org): Beth Brait. B179 – 2a ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.
- BRAIT, B. **Análise e teoria do discurso.** In: BRAIT, B. ( Org.). Bakhtin: outros conceitos- chave. São Paulo, SP: Contexto, 2006. p. 9-31.
- BRAIT, B.; MELO, R. de. **Enunciado/enunciado concreto/enunciação.** BRAIT, B. (Org.).Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010, p. 61-78.
- CARRANCA, A. **Malala, a menina que queria ir para a escola.** São Paulo: Companhia das Letrinhas. 2015.
- CLARK, K.; HOLQUIST, M. **A arquitetura da responsabilidade.** In: Mikhail Bakhtin. São Paulo: Perspectiva (coleção Perspectiva),2005, p. 89-116.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Tradução de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Parábola Editorial, 2009.

FILHO, U. C.; TORGA, V. L. M. **Língua, Discurso, Texto, Dialogismo e Sujeito**: compreendendo os gêneros discursivos na concepção dialógica, sócio histórica e ideológica da língua(gem). Trabalhos apresentado ao I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos, Vitória-ES, p. 18-21 de outubro de 2011.

FIORIN, J. L. **Categorias de análise em Bakhtin**. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Org.). *Círculo de Bakhtin: diálogos (in)possíveis*. Série Bakhtin – Inclassificável. Vol. 2. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 33-48.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO (GEGe). (Org.). **Palavras e Contrapalavras**: cortejando a vida na estética do cotidiano. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2015.

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO – GEGE. **Palavras e contrapalavras**: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.

GERALDI, J. W. **Heterocientificidade nos estudos linguísticos**. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe - UFSCar. *Palavras e contrapalavras – enfrentando questões de metodologia bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 19-39.

GERALDI, J. W. **Ancoragens**: estudos bakhtinianos. São Carlos: Pedro e João Editora, 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUGGENHEIM, D. (direção). Malala. Título original: **He named me Malala**. Gênero Documentário, 1h27min. EUA, 2015.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e prática da pesquisa. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

MIKHAIL BAKHTIN: **O discurso na vida e o discurso na arte**. In: DIETZSCH, M. J. M. (Org.). *Espaços da Linguagem na Educação*. São Paulo: Humanitas, 1999, p. 11-39.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

PADEN, W. E. **Interpretando o sagrado: modos de conceber a religião**. São Paulo: Paulinas, 2001.

PONZIO, A. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. *In*. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2010. p: 9-38.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. Tradução coordenada por Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2008.

RONCARI, L. (1994). Prefácio. *In*: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Org.). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade: em torno de Bakhtin**. 2. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011, p. ix-xii.

SALOMON, D. V. **Como fazer uma monografia: elementos de Metodologia de Trabalho Científico**. 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. 2ª ed. São Paulo Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

YOUSAFZAI, M.; LAMB, C. **Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã**. São Paulo: Companhia das letras, 2019, p. 342.